

O construtivismo crítico e transformador para uma educação em paisagem

ARTIGO

Erico Fernando Lopes Pereira-Silvaⁱ

Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, São Paulo, São Paulo, Brasil

José Manuel Crespo Castellanosⁱⁱ

Universidade Complutense de Madri, Faculdade de Educação, Centro de Formação de Professorado, Madri, Comunidade de Madri, Espanha

Resumo

Este trabalho consiste em um ensaio crítico sobre Educação em Paisagem que propõe a integração entre pedagogias do construtivismo crítico e a educação transformadora nesse campo educacional ainda inovador no Brasil. Discute-se que a aprendizagem em paisagem pode ocorrer de maneira mais ampla, abrangendo distintas faixas etárias, setores, disciplinas, culturas e instituições, assumindo estratégias inclusivas. A aprendizagem baseada na paisagem pode contribuir para a alfabetização científica e ambiental, a valorização do patrimônio cultural e natural, a promoção da sustentabilidade e da resiliência em nossas paisagens. O texto destaca a importância da abordagem participativa e colaborativa na Educação em Paisagem, envolvendo a escola e a comunidade local na construção de soluções sustentáveis para os desafios ambientais e sociais. O texto também proporciona a discussão de concepções de John Dewey e de Paulo Freire e outros teóricos da educação para argumentar que a Educação em Paisagem pode ser uma ferramenta poderosa para a formação de cidadãos críticos e politicamente engajados.

Palavras-chave: Aprendizagem Baseada na Paisagem. Desenvolvimento Sustentável. Formação Cidadã. Educação Científica. Educação Ambiental.

The critical and transformative constructivism for landscape education

Abstract

This paper constitutes a critical essay on Landscape Education proposing the integration of critical constructivism pedagogies and transformative education in this still innovative educational field in Brazil. It is discussed that learning in landscape can occur more broadly, encompassing different age groups, sectors, disciplines, cultures, and institutions, adopting inclusive strategies. Landscape-based learning can contribute to scientific and environmental literacy, the appreciation of cultural and natural heritage, the promotion of sustainability, and resilience in our landscapes. The text highlights the importance of a participatory and collaborative approach in Landscape Education, involving schools and the local community in building sustainable solutions for environmental and social challenges. The paper also provides a discussion of the concepts of John Dewey,

Paulo Freire, and other education theorists to argue that Landscape Education can be a powerful tool for the formation of critically aware and politically engaged citizens.

Keywords: Landscape-Based Learning. Sustainable Development. Citizen Formation. Scientific Education. Environmental Education.

1 Introdução

2

Para formar indivíduos para o enfrentamento das questões socioambientais atuais e de caráter transformador no contexto do ensino (Hodson, 2003, 2011), as bases que sustentam o conhecimento científico são indispensáveis ao aprender ciência, aprender sobre ciência, fazer ciência e aplicar práticas científicas capazes de proporcionar a formação cidadã em distintas áreas de conhecimento. Conforme observado por Hodson (2011), o letramento científico é cada vez mais pertinente às discussões globais sobre educação científica, “refletindo uma tendência que se alinha com o crescente interesse na alfabetização tecnológica e na alfabetização ambiental” (Hodson, 2011, p. 1).

Nesse sentido, é oportuno dizer que o ensino e a aprendizagem baseada na paisagem também podem apoiar a literacia e o conhecimento científicos e ajudar a promover um senso de identidade cultural e conexão com as naturezas material (o tangível, físico e perceptível pelos sentidos) e imaterial (o intangível, abstrato, com simbolismo, sentimentos, emoções, valores, etc.), o que contribui com a autoestima humana e com a resiliência em seu ambiente de entorno. Ainda, educar em paisagem se alinha com a argumentação de Hodson (2003) sobre a necessidade de se formar cidadãos alfabetizados científica e politicamente, que não sejam conformados com o papel daquilo que ele denomina como “críticos de poltrona” para resolver os problemas sociais e ambientais atuais.

Desta forma, educar em paisagem emerge como uma prática educacional transformadora com potencial para contribuir para que as pessoas alcancem suas aspirações e ideais em seu processo educacional, desempenhando um papel importante

na superação de suas realidades atuais e para auxiliar na aquisição de habilidades necessárias a fim de moldar seus próprios destinos.

A Educação em Paisagem consiste em um movimento inovador na educação que transcende o ambiente da escola e transforma o entorno em um laboratório a céu aberto capaz de promover ensino e aprendizagem (Quadro 1). Através da interação com o ambiente natural e cultural, estudantes se tornam protagonistas em uma construção social mais sustentável e justa.

Quadro 1 – Atributos e descrições da Educação em Paisagem

Atributo	Descrição
Conceito	Filosofia que valoriza a interconexão entre os seres humanos e o meio ambiente.
Abrangência	Transversal a todas as disciplinas e áreas do conhecimento, uma vez que considera o conceito multifacetado de paisagem.
Metodologias	Aprendizagem experiencial, aprendizagem baseada em projetos, educação ambiental crítica.
Benefícios	Melhor desempenho estudantil, maior senso de responsabilidades social e ambiental, fortalecimento da cidadania, valorização da cultura local, promoção da saúde e do bem-estar individual e coletivo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Não limitada a um único método ou disciplina, esta filosofia educativa valoriza a interconexão entre os seres humanos e o ambiente, proporcionando o desenvolvimento de habilidades essenciais como pensamento crítico, solução de problemas e responsabilidade social (Crespo, 2017, 2021; Crespo *et al.*, 2023). A Educação em Paisagem pode trazer benefícios do ponto de vista educativo-formativo. Para tanto, é necessária uma mudança de perspectiva que contribua com algo que vá além do "ensinar sobre a paisagem", no que tange somente ao conceito, e adotar um enfoque da pesquisa-ação vinculada ao envolvimento coletivo para educar em paisagem, estimulando a percepção, a observação e a interpretação como percursos à aprendizagem.

Sua contribuição implica em vencer algumas dificuldades atribuídas ao conceito de paisagem, que é atualmente multifacetado e multidisciplinar devido à amplitude de

áreas de conhecimentos e de interpretações que a paisagem abarca. Cabe refletir sobre os desafios práticos e epistemológicos que essa abordagem representa e enfrenta. Embora a Educação em Paisagem promova a ideia de um aprendizado integrado ao ambiente, deve-se estar atento à possibilidade de que essa proposta permaneça no campo do idealismo se não houver um esforço sistemático para conectar teoria e prática. Por exemplo, como assegurar que a interação com o ambiente realmente resulte em aprendizado significativo e não apenas em atividades pontuais ou superficiais?

É fundamental questionar também se o protagonismo do alunado pode ser verdadeiramente fomentado, superando as práticas educativas que reproduzem hierarquias tradicionais e que limitam a autonomia no processo de construção de conhecimentos. Portanto, o educar em paisagem deve ser tratado como uma estratégia disruptiva, capaz de formar cidadãos engajados na transformação socioambiental e não apenas como uma ferramenta pedagógica complementar.

Deve-se ressaltar que, para pregar e praticar a Educação em Paisagem, há desafios significativos, como o equilíbrio entre a exigência científica necessária à análise da paisagem e a valorização da subjetividade e experiência individual, fundamentais para essa abordagem. Ainda, muitas práticas educacionais priorizam métodos tradicionais e técnicos, negligenciando a integração de experiências prévias e memórias com o ensino, o que exige metodologias inovadoras e contextuais, frequentemente indisponíveis em sistemas padronizados.

Além disso, a formação de educadores capacitados é um ponto crítico, pois demanda compreensão da paisagem, das teorias construtivistas e das especificidades para se conhecer, entender e implementar a Educação em Paisagem. Essa abordagem também requer sensibilidade às particularidades culturais e sociais das comunidades envolvidas, evitando generalizações ou conflitos de interesse relacionados ao uso e preservação dos territórios. Embora seu potencial transformador seja evidente (Crespo, 2017, 2021; Crespo *et al.*, 2023), a superação de barreiras estruturais, como currículos engessados, falta de recursos pedagógicos e condições desiguais de acesso à educação, é essencial. Para alcançar seus objetivos de transformação social, a Educação em

Paisagem deve, portanto, ser acompanhada de políticas públicas inclusivas e práticas educativas que promovam justiça social, equidade e uma formação cidadã que contemple a paisagem em suas múltiplas dimensões.

Quando confrontadas com a necessidade de uma abordagem educacional que vá além da simples transmissão de conhecimentos sobre a paisagem, as teorias de aprendizagem construtivistas proporcionam uma base sólida a um processo dinâmico e participativo para se educar em paisagem. Essas teorias sugerem a importância da aprendizagem como uma ação intrínseca ligada ao meio ambiente, ressaltando a importância de uma perspectiva crítica e reflexiva para aprender. A interação entre os indivíduos para construção de conhecimento se alinha harmoniosamente com a proposta de educar em paisagem que se baseia nas experiências anteriores e nas memórias evocadas daqueles que estão nela. A Educação em Paisagem, unindo construtivismo e prática, prepara estudantes para desafios profissionais e sociais, incentivando a participação por meio de interpretações baseadas em experiências no ambiente.

Apesar de as teorias construtivistas oferecerem base à Educação em Paisagem, são necessárias adaptações para atender as especificidades culturais e ambientais de cada contexto. A ênfase na subjetividade e nas memórias individuais, embora contribua à construção de significados pessoais, pode limitar a aquisição de conhecimentos técnicos essenciais para lidar com questões complexas como a conservação ambiental. Adicionalmente, a implementação de abordagens participativas em sistemas educacionais frequentemente restritos por recursos financeiros e infraestruturais pode ser desafiadora. Nesse sentido, a Educação em Paisagem deve buscar um equilíbrio entre a valorização das experiências individuais e a aquisição de conhecimentos objetivos, a fim de promover uma aprendizagem significativa e eficaz, capaz de atender às demandas sociais e ambientais da contemporaneidade.

Nesse escopo, as teorias de John Dewey e Paulo Freire oferecem princípios didáticos e de escolha de métodos profundamente voltados à aprendizagem como experiência ativa e transformadora. Dewey, com sua ênfase na educação como processo contínuo de reconstrução da experiência, destaca a importância da ação e da interação

com o ambiente como elementos centrais para o aprendizado significativo. Para ele, a educação não se restringe à transmissão de informações, mas envolve a resolução de problemas reais e a participação ativa do aluno na construção do conhecimento.

Similarmente, Paulo Freire, com sua pedagogia libertadora, enfatiza o diálogo como ferramenta fundamental à conscientização e à transformação social. Freire propõe uma educação dialógica, na qual educador e educando aprendem juntos, em um processo de troca de saberes e experiências. Ambas as teorias convergem ao mostrar que a aprendizagem não pode ser reduzida a aspectos puramente cognitivos ou à transmissão unilateral de conteúdo. Pelo contrário, tanto Dewey quanto Freire defendem a necessidade de um posicionamento crítico e reflexivo, ancorado em uma estrutura cultural que considere o contexto social e as experiências prévias dos aprendizes.

A aprendizagem, portanto, concretiza-se na interação dinâmica do indivíduo com seu ambiente, mediada pelo diálogo, pela reflexão e pela ação transformadora. Essa perspectiva pode ser efetivada por meio da observação atenta da realidade, do questionamento constante sobre o mundo e da valorização das soluções propostas pelos indivíduos, construídas a partir do diálogo, do conhecimento prévio e das novas informações. Essas colocações se alinham à Educação em Paisagem, que pode ser exemplificada por diversos trabalhos que descrevem as bases que a integram a uma dimensão construtivista e crítica, apta a preparar estudantes para as realidades profissionais e sociais participativas (Crespo, 2017, 2021; Crespo *et al.*, 2023; De la Vega, 2018; Fernández Álvarez, 2019; Martínez-Medina; Ávila-Marín, 2021), moldadas pelas experiências prévias vivenciadas no território e pelos registros de memória que emergem ao contemplar paisagens (De la Vega, 2018). As experiências vivenciadas e documentadas por esses autores mostram o papel fundamental na aprendizagem por meio da prática em paisagem. Nesse contexto, embora a análise da paisagem esteja muitas vezes amparada pela fidelidade ao método científico na descrição e na caracterização dos elementos, interações e processos, é importante reconhecer que uma parte dos modelos metodológicos utilizados nesses processos é influenciada pela

interpretação subjetiva e depende da experiência do indivíduo com ela (Fernández Álvarez, 2019).

Assim, considerando o construtivismo na paisagem, essa abordagem se destaca no ensino, permitindo a construção de conhecimento com base em experiências individuais e coletivas, promovendo intercâmbio de ideias e desenvolvimento de senso crítico. Mas até que ponto essas experiências garantem uma compreensão sólida e replicável, especialmente em contextos em que o rigor científico é necessário para embasar ações práticas? Além disso, como equilibrar a subjetividade inerente à interação com a paisagem com a necessidade de abordagens sistemáticas que atendam a diferentes realidades culturais e sociais? Essas questões ressaltam a importância de integrar criticamente as dimensões subjetiva e objetiva, evitando que a Educação em Paisagem se torne excessivamente fragmentada ou limitada a percepções pessoais.

No atual cenário educacional brasileiro, onde a urgência de abordar as crises ambientais e sociais também é cada vez mais evidente, a proposta de educar em paisagem desponta como uma abordagem essencial para alinhar práticas pedagógicas às demandas de um mundo interconectado. Por exemplo, ao se incorporar princípios da Educação Planetária de Edgar Morin e da Eco Pedagogia de Francisco Gutiérrez e Moacir Gadotti, estes influenciados por Paulo Freire, traz-se uma perspectiva que desafia os limites tradicionais da sala de aula, tendo na paisagem o espaço vivo e dinâmico de aprendizado crítico e reflexivo. A Eco Pedagogia, enquanto um movimento educativo voltado à sustentabilidade e à transformação social, complementa a visão de Morin ao enfatizar o papel da educação na formação de cidadãos planetários. Por meio de práticas pedagógicas baseadas na paisagem, é possível, portanto, engajar os estudantes na compreensão da interdependência entre os sistemas humanos e naturais, promovendo um pensamento sistêmico que vai além da fragmentação disciplinar.

Isso não significa assumir o construtivismo como único pensamento aplicado à paisagem e que ele substitua as abordagens epistemológicas estabelecidas, sobretudo dentro do amplo campo da Educação Eco Social, mas sim promova uma forma a mais para se ensinar em paisagem.

Para isso, deve-se não somente se dedicar a definir paisagem, mas sim transferir e adotar seus múltiplos conceitos de um emissor para um receptor – o que vai além da abordagem tradicional de ensino e aprendizado, porque coloca em destaque a natureza construída do conceito de paisagem como princípio fundamental. Essa concepção vai ao encontro da ideia de uma “Espiral Construtivista”¹ que proporciona ações como identificar problemas, formular explicações, elaborar questões, construir novos significados, dando um sentido transformador da realidade derivado da postura crítica e reflexiva na interação do sujeito e objeto (Lima, 2016), o que está consoante com a ideia de vínculo entre o indivíduo e o seu entorno no contexto da paisagem. Isso oportuniza tornar a ideia de paisagem o cerne de qualquer observação, discurso e, quando aplicado à educação, de qualquer processo de aprendizagem.

Além disso, para que a aprendizagem em paisagem ocorra de maneira mais ampla, abrangendo distintas faixas etárias, setores, disciplinas, culturas e instituições, é preciso assumir estratégias inclusivas e treinar o professorado para trabalhar com a paisagem em distintas disciplinas e níveis de ensino. No que tange à construção de conhecimento voltada à Educação em Paisagem, Crespo *et al.* (2023) propõe analisá-la concentrando-se nas práticas de ensino e na significância sobre ela para a formação de futuros professores. Eles discutem alguns estudos e pesquisas que comprovam a pertinência do ensino da paisagem e sua integração nas disciplinas escolares, com o intuito de fornecer uma visão abrangente e fundamentada sobre o assunto.

Após a exposição dos argumentos, evidencia-se a viabilidade do construtivismo como base para a Educação em Paisagem, complementando outras teorias existentes.

Este ensaio propõe a integração do construtivismo com uma abordagem transformadora, inserida no contexto mais amplo da Educação Eco Social. Busca-se explorar como as abordagens construtivistas podem ser aplicadas de forma crítica, incentivando a participação ativa dos estudantes na transformação de suas percepções

¹ A "Espiral Construtivista" de Lima (2016) é um modelo teórico da educação que enfatiza a aprendizagem como um processo dinâmico e contínuo. Na Educação em Paisagem, sugere que a compreensão da paisagem ocorre de forma iterativa, não linear, refletindo sua complexidade e interconexão.

sobre a paisagem. Dessa forma, o trabalho oferece *insights* para educadores interessados em práticas educativas inovadoras e socialmente engajadas.

1.1 Desenvolvimento

9

Ao adotar a abordagem construtivista, a paisagem é vista como um objeto central convidativo à aprendizagem de estudantes, seguindo o conceito de experiência proposto por John Dewey (1859-1952), o qual destaca a importância da interação ativa deles com o ambiente como forma de aprendizado. Dewey defende uma abordagem prática na educação, fundada no estudo da investigação, sobretudo da investigação científica como um método na qual os estudantes aprendem ativamente por meio de situações significativas para construir conhecimento e compreensão. Para ele, o processo de pesquisa é multifacetado e interdependente, com etapas intrincadas que requerem atenção cuidadosa durante a investigação, de tal forma que fatos e conceitos são examinados não apenas por sua consistência e confiabilidade, mas também pela capacidade de resolver problemas (Brown, 2012).

A filosofia de Dewey coloca ênfase na racionalidade da ciência, que é um componente fundamental e intrincado de seu sistema filosófico, apresentando pontos de vista sobre realismo científico, construtivismo, leis naturais, causalidade e a conexão entre valores e ciência (Brown, 2012). Dewey argumentava que o aprendizado significativo surge da interação ativa com o ambiente, onde a experiência direta e a reflexão sobre essa experiência levam à compreensão. Nesse contexto, a paisagem, como artefato de investigação, assume um papel central, funcionando como um ponto de partida ao aprendizado baseado em pesquisa, alinhado com a pedagogia deweyana. Essa abordagem visa compreender a paisagem como uma entidade unificada e depois passa a analisá-la e organizá-la em elementos, interações e processos separados.

O conceito de Dewey sustenta a Espiral Construtivista de Lima (2016), comentada anteriormente, para ser aplicada na Educação em Paisagem, ao proporcionar a identificação de problemas, explicá-los e criar questões que conduzem à aprendizagem, o

que Lima (2016) denomina de "síntese provisória", ao passo que procura desenvolver uma "nova síntese" ao promover a busca por novos conhecimentos, a formação de novos significados e a valorização desses achados. Mais do que isso, a Espiral Construtivista também absorve influências das concepções da pedagogia crítica de Paulo Freire, uma vez que está voltada à solução de problemas e baseada no pensamento orientado por uma perspectiva dialética de interação e experiências de vida das pessoas para uma autonomia da aprendizagem e transformação social crítica fundada na paisagem em que se vive e se constrói cultura.

John Dewey e Paulo Freire estabelecem importantes relações com o conceito de paisagem no contexto educacional. Dewey, com sua ênfase na aprendizagem experiencial, destaca a interação ativa dos indivíduos com o ambiente, concebendo a paisagem como um espaço privilegiado para a investigação e a construção do conhecimento. A experiência direta na paisagem, segundo Dewey, possibilita a conexão entre o indivíduo e o mundo, promovendo a reflexão e a compreensão. Paulo Freire, por sua vez, embora não tenha centralizado o conceito de paisagem em sua obra, oferece importantes contribuições por meio de sua pedagogia crítica. Conceitos como território e espaços de vida, centrais em sua abordagem, conectam-se diretamente à paisagem, compreendida como o espaço onde se manifestam as relações sociais, as experiências cotidianas, as memórias coletivas e as lutas por transformação.

A paisagem, para Freire, torna-se, portanto, um espaço de conscientização crítica e de transformação social. No entanto, é importante reconhecer que as teorias de Dewey e Freire não foram originalmente desenvolvidas com foco específico na paisagem. Essa adaptação pode gerar algumas limitações práticas, como a necessidade de desenvolver metodologias específicas para a leitura da paisagem a partir de suas perspectivas, ou a dificuldade de operacionalizar certos conceitos em contextos específicos. Nesse sentido, embora existam conexões relevantes entre as teorias de Dewey e Freire e a Educação em Paisagem, o campo ainda demanda o desenvolvimento de abordagens teóricas e metodológicas interdisciplinares que integrem de forma mais sistemática essas

contribuições, buscando superar as limitações identificadas e aprofundar a compreensão da paisagem como espaço educativo.

2 Metodologia

11

Este trabalho desenvolveu-se a partir de uma pesquisa com foco na análise de relações do construtivismo com a Educação em Paisagem. Inicialmente, a pesquisa buscou compreender aspectos como a construção ativa de significados e a promoção de experiências educacionais mais envolventes em paisagem. No segundo momento, o trabalho examinou a aplicação do construtivismo sob a ótica da Educação em Paisagem, destacando como essa abordagem pode fomentar a participação ativa dos estudantes na construção de significados e na ressignificação de suas percepções sobre o ambiente.

Este processo foi ancorado em contribuições teóricas de John Dewey, com sua ênfase na aprendizagem experiencial, e de Paulo Freire, cuja abordagem crítica e transformadora da educação foi associada ao uso da paisagem como ferramenta educacional. A pesquisa também incorporou a ideia de que a aprendizagem ativa, por meio da observação, do questionamento e da solução de problemas, é essencial para o desenvolvimento de experiências significativas e conectadas à realidade socioambiental.

Como resultado, o trabalho propôs a fusão do construtivismo crítico e transformador com a Educação em Paisagem, consolidando uma abordagem que alia fundamentos teóricos e práticas pedagógicas inovadoras. Essa proposta visa não apenas formar indivíduos reflexivos e engajados, mas fortalecer métodos educativos que promovam a conscientização ambiental e a sustentabilidade.

3 Resultados e Discussão

Assumindo a existência de experiências na paisagem e que isso pode ser direcionado para conduzir a um entendimento mais amplo e mais bem organizado sobre ela, torna-se oportuno sensibilizar os estudantes e evidenciar suas percepções quanto aos

seus elementos característicos. Inclusive, esse pode ser um caminho prolífero para que aprendam a distinguir e a atribuir valores que, embora inicialmente possam ser sensoriais e emocionais, têm potencial de se tornarem valores cognitivos preambulares para conhecer a paisagem de maneira crítica. Segundo Dewey (2015, p. 99), os estudantes “[...] têm amor por novas experiências, sua intensidade em extrair a última gota de significado de cada situação, sua seriedade vital nas coisas [...]”, o que denota que eles estão, antes de tudo, interessados em se mover, comunicar-se, explorar o mundo, construir e se expressar artisticamente. Isso representa um cenário fértil aos aspectos práticos e operativos da polissemia da paisagem como ferramenta didática em si mesma, contendo elementos e processos que podem ser utilizados para a educação, tais como identificar, descrever e reconhecer elementos materiais – naturais, patrimoniais e culturais – e imateriais, como emoção, valores, relações humanas e natureza, bem como o reconhecimento de seu dinamismo quanto às transformações do passado para o presente e as projeções para o futuro (Cabral, 2018).

Através da perspectiva construtivista, a aquisição de conhecimento ocorre de maneira significativa quando os estudantes interagem socialmente e participam de experiências compartilhadas dentro de seu grupo social (Vygotsky, 2011). Nessa linha de raciocínio, Dewey ressalta a importância da abordagem "aprender fazendo" na educação, o que coloca a paisagem como um elemento central nesse processo. De acordo com Dewey, a resolução de qualquer problema demanda a aplicação de operações de aprendizado e prática (Brown, 2012), e a paisagem emerge como uma ferramenta pedagógica valiosa, proporcionando exploração e envolvimento ativo dos estudantes com o ambiente circundante (Martínez-Medina; Ávila-Marín, 2021).

A Educação em Paisagem, baseada no construtivismo crítico, enfatiza a participação ativa dos alunos na aprendizagem, promovendo percepção, observação e interpretação. John Dewey e Paulo Freire influenciam essa abordagem, destacando o envolvimento prático dos alunos. Além disso, a "Espiral Construtivista" de Lima (2016) destaca um processo sequencial de aprendizagem. A ligação entre Dewey e Freire ressalta a importância da aprendizagem prática e da mudança social. Essa educação

complementa abordagens estabelecidas, fortalecendo a identidade brasileira e promovendo uma mentalidade crítica. Refletir sobre seu impacto contribui para o desenvolvimento de indivíduos atentos a um mundo cada vez mais globalizado e marcado por rápidas transformações ambientais e sociais.

A Educação em Paisagem se torna ainda mais relevante, pois possibilita ao alunado compreender as interações entre a sociedade e o meio ambiente em seus próprios contextos. Contudo, é fundamental questionar se as práticas educativas em paisagem podem efetivamente promover a transformação social proposta pela concepção de Freire. Ainda, a mera observação e interpretação da paisagem são suficientes para gerar mudanças ou necessitam de ações mais engajadas?

A proposta de construtivismo crítico visa criar indivíduos reflexivos que possam analisar a realidade ao seu redor e tomar decisões com base em suas percepções. Esta abordagem procura iniciar um processo de mudança e transformação social e oferece uma compreensão mais profunda de como os interesses, percepções e identidades individuais interagem, levando a uma perspectiva mais dinâmica e em constante mudança da realidade circundante.

Se Dewey prega uma educação baseada no construtivismo, em princípio, este deve ser crítico, pois deve permitir a emancipação do educando das restrições do conhecimento pronto ou pré-determinado, levando-o a buscar, de maneira orientada e com certa independência, conhecimentos para sua formação cidadã. Portanto, tentar aliar essa abordagem com uma perspectiva educacional de libertação que valorize uma pedagogia de autonomia, que seja crítica às concepções unilaterais de educação, permite aproximar Dewey da filosofia de Paulo Freire, o qual oferece como elemento da comunicação pedagógica uma educação problematizadora e busca incentivar a conscientização e a autonomia do indivíduo por meio do diálogo.

Freire (1979) explora a ideia de conscientização e enfatiza a importância de os indivíduos ativamente trabalharem suas próprias realidades, o que está consonante às perspectivas atuais que vinculam cidadania e envolvimento global. Nesse escopo, o conscientizar tem o potencial de favorecer o envolvimento ativo de indivíduos e,

consequentemente, desenvolver uma cidadania que ultrapassa fronteiras e se torna a abordagem mais adequada para discutir e implementar uma educação cidadã. Na concepção freireana, a educação deve ser pautada no diálogo, por meio do qual são criadas oportunidades relacionais (Durakoglu *et al.*, 2013).

Freire contribuiu significativamente à educação com abordagens inovadoras, ainda relevantes como alternativas aos métodos tradicionais (Mayo, 2011). Suas propostas contemporâneas, com ênfase no questionamento, alinham-se, em certa medida ao construtivismo (Durakoglu *et al.*, 2013; Mayo, 2011), embora esse tema seja pouco explorado em seus textos. Gadotti (1999) afirma que Freire foi um dos criadores do "construtivismo crítico", destacando a aproximação de suas concepções educacionais com a abordagem construtivista, especialmente em relação ao pensamento crítico que desenvolve a compreensão sistemática, lógica, racional e a resolução criativa de problemas, utilizando múltiplas inteligências e enraizado na aprendizagem ativa. Gadotti (1999) ressalta o prazer de Freire em aprender e transmitir esse prazer. A educação crítica busca libertar e contribuir para a luta por direitos e pela construção de uma sociedade justa e democrática.

Para alinhar o pensamento crítico de Freire ao construtivismo, é necessário considerar Dewey, arquétipo do pensamento crítico moderno e defensor do "pensamento reflexivo" e resolução de problemas (Gündoğdu, 2009; Mayo, 2011). Freire oferece uma educação que visa libertar das opressões e das desigualdades sociais, com uma abordagem problematizadora para atingir metas sociais (Durakoglu *et al.*, 2013). Ele valoriza experiências individuais e coletivas em um ambiente acolhedor, estimulando a reflexão sobre as construções da ideia de mundo e sobre si mesmo, a partir da curiosidade, imaginação e criatividade:

[...] a perspectiva epistemológica do construtivismo necessariamente é uma perspectiva dialética, eminentemente dialética, e não mecânica, e não mecanicista. Há, por exemplo, uma série de pensadores e cientistas que não usaram esse nome, mas que são construtivistas, e cuja contribuição é

indispensável à compreensão do que vem se chamando de construtivismo. (Freire, informação verbal²).

Percebe-se que não se trata de uma opinião crítica ao construtivismo, mas sim uma contribuição que ajuda a estruturá-lo e reconhecê-lo como ferramenta contribuinte à educação, talvez longe de ser substituinte de outras pedagogias e distante de ser vilipendiado por críticas autoritárias e antidemocráticas, mas válido como forma de construção social e uma utopia de liberdade, como colocou mais adiante na mesma fala:

[...] Eu acho que dei também uma séria contribuição à estruturação do que se vem chamando de construtivismo no país. Agora, vejam bem, um dos centros dessa perspectiva construtivista é o gosto pela liberdade. Não é só o gosto, é o gosto seguido da vontade de ser livre. Posso dizer com outras palavras: no construtivismo, temos o processo de conhecer, o conhecimento, como uma produção social [...] uma aventura criadora da liberdade e necessariamente se choca ou é “chocado” pelas tradições autoritárias de que a nossa formação nos impregnou. (Freire, informação verbal²).

Finalmente, Freire termina opinando que é a presença do autoritarismo a maior preocupação no contexto construtivista, uma vez que contraria os princípios fundamentais desta abordagem pedagógica, que visa promover a participação ativa e a autonomia do indivíduo.

Portanto, as obras de Freire colocam em evidência uma educação fundada na experiência prática que proporciona o pensamento crítico e a autoconsciência no que se pode entender como “[...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente” (Freire, 1985, p. 125). Para Gadotti (1999, p. 6), em sua concepção freireana, isso pode ser expresso como: “[...] aprende-se quando se quer aprender e só se aprende o que é significativo, dizem os construtivistas [...]”. Essas abordagens, ao promoverem a participação ativa e a expressão genuína no ambiente educacional, refletem a visão de Dewey e Freire. Freire destaca a importância de

²Este texto é uma transcrição editada da fala de Paulo Freire na Escola Cooperativa nos anos 1990, destacando sua abordagem sobre o construtivismo. Fala original: <https://youtu.be/1K4WlrJirzU> , palestra integral: <https://www.youtube.com/watch?v=11U8IGOqopw&sns=fb> e <https://www.youtube.com/watch?v=VOn4bmau7A4> . Transcrição: Juliana Vieira, edição: Rosaura Soligo.

reconhecer experiências prévias, promovendo autonomia e reflexão crítica para transformar a sociedade (Freire, 2001, p. 67), em consonância com a proposta de Dewey.

Embora a paisagem possa desempenhar um papel relevante no processo educativo e tenha sido estudada na filosofia epistemológica e educacional de Dewey, não se encontram referências de Freire em estudos específicos sobre a educação voltada à paisagem, mas existe predisposição para discutir questões que atualmente estão na Educação Eco Social (Bowers, 2006; Misiaszek, 2017, 2011). O empenho de Paulo Freire era valorizar e incorporar o conhecimento local e a interação entre os humanos e seu ambiente. É importante notar que suas ideias estão sendo cada vez mais reconhecidas nos estudos críticos da Educação Eco Social, pois também promovem uma forma de educação emancipadora e transformadora (Misiaszek; Torres, 2019).

Logo, ele reconhecia o ambiente como um importante espaço de aprendizagem e compreender sua obra de forma mais abrangente pode auxiliar no desenvolvimento de uma abordagem educacional contextualizada na Eco Pedagogia e que inclua várias perspectivas disciplinares (Gadotti, 2000, Misiaszek, 2011). Freire (2001) evidencia uma compreensão fundamental do ser humano a partir do estudo de sua cultura para evidenciar seu resultado criativo sobre a natureza. Isso possibilita fazer distinções de mundos; o da natureza e o da própria cultura, capacitando o indivíduo a assumir um papel ativo na sociedade e se conectar com a realidade à sua volta (Menezes; Santiago, 2014).

Buscando sugerir um construtivismo crítico e transformador na Educação em Paisagem, vale ressaltar ainda que Gadotti (1999) explicita que o “construtivismo freireano”, em sua terceira fase, traz a problematização, o que envolve ações transformadoras. Nesse ponto, o autor comenta que o conhecimento por si só não é libertador, mas deve ser associado a um compromisso político de defender os indivíduos oprimidos, logo, representa um recurso essencial para moldar e transformar o indivíduo e não deve ser limitado a poucos. Acrescenta ainda que Paulo Freire tinha afeição intrínseca pelo conhecimento e demonstrava a paixão pelo aprender, enfatizando que se adquire conhecimento para compreender, investigar a verdade e interpretar e transformar

ativamente o mundo, ou seja, explanava que o conhecimento deve servir como um instrumento para intervir no mundo (Gadotti, 1999).

As obras de Dewey e Freire convergem na Educação em Paisagem, unindo o construtivismo de Dewey ao pensamento crítico de Freire. A educação transcende o aprendizado, revelando o potencial criativo individual. Freire valoriza a educação em contato com o ambiente, reconhecendo a importância das experiências afetivas e sensoriais. Ambos compartilham coragem e perspicácia em seus contextos sociais. Freire precisava de coragem extraordinária e perspicácia adequada e as tinha para difundir uma educação libertadora, enquanto Dewey precisava de coragem adequada e perspicácia extraordinária e os tinha para difusão de sua educação progressista (Betz, 1992; Joldersma, 2001).

Portanto, Freire e Dewey tinham em comum uma educação problematizadora, baseada na natureza como espaço de aprendizagem, o que pode ser um elo conciliador e contribuinte à Educação em Paisagem, ao se assumir pontos comuns de uma educação construtivista crítica e transformadora. Além disso, pode-se dizer que [...] em Freire soa o tema deweyano do aprender fazendo[...] (Joldersma 2001, p. 143), mas suas ideias não são apenas ecos de Dewey, pois em Freire a educação deve estar ligada a mudanças estruturais em uma sociedade oprimida (Gadotti, 1994).

As contribuições desses dois educadores têm potencial para enriquecer a Educação em Paisagem, promovendo uma abordagem crítica, participativa e contextualizada que podem ser sintetizadas no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Princípios-chave de Dewey e Freire e pontos comuns como uma voz independente na proposta de Educação em Paisagem construtiva crítica, transformadora e participativa

Aspecto	John Dewey	Paulo Freire	Comum
Filosofia Educacional	Pragmatismo educacional, enfatizando a experiência.	Pedagogia crítica, centrada na conscientização e diálogo.	Ênfase na experiência como fundamento educacional.

Participação Ativa	Defende a aprendizagem por meio da ação e experiência.	Promove a participação ativa no processo	Valorização da participação ativa no aprendizado.
Contexto Social	Considera o ambiente como parte integral da aprendizagem.	Busca a conscientização social e a transformação	Reconhecimento da importância do contexto social.
Diálogo	Valoriza a comunicação e diálogo como ferramentas.	Destaca a importância do diálogo e da comunicação	Ênfase na comunicação e diálogo como recursos educacionais.
Contextualização	Propõe a adaptação do ensino ao contexto e à experiência.	Enfatiza a contextualização do ensino na realidade local	Defesa da contextualização do ensino na prática educacional.
Experiencialismo	Enfatiza a importância da experiência na aprendizagem.	Valoriza a experiência como base para o aprendizado	Reconhecimento da relevância da experiência na formação.
Transformação Social	Reconhece a educação como meio de transformação social.	Busca a transformação social por meio da educação.	Compromisso com a educação como agente de transformação social.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A natureza para Dewey estava na paisagem que poderia ser utilizada como recurso educativo para ajudar no desenvolvimento de habilidades sensoriais, afetivas e cognitivas. Isso está posto em sua obra *Democracia e Educação*, de 1916, em que argumenta que a paisagem é uma fonte de inspiração e beleza, e que pode ser utilizada como um meio para ensinar habilidades como observação, descrição, análise e síntese.

Assim, a relação de Dewey com o estudo da paisagem para a educação é bastante forte, uma vez que ele acreditava em uma aprendizagem experiencial, tangida pela curiosidade e pelo pensamento crítico, pelas experiências individuais com a natureza e pela democracia e participação dos estudantes, sendo a paisagem uma fonte rica de aprendizagem. Freire, apesar de não ter escrito sobre a paisagem, tem em suas obras argumentos fortes para uma Educação Eco Social crítica ao apresentar conceitos pedagógicos, filosóficos e políticos fundamentais à educação daqueles que apreciam o mundo e têm consideração por si mesmas (Ceccon, 2014):

Urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre homens e mulheres, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador. (Freire, 2000, p. 67)

Novamente, nesse sentido, argumentos convergentes de Dewey e de Freire revelam uma oportunidade pragmática para uma educação social transformadora (Muraro, 2022; Muraro, 2012), ajudando no desenvolvimento dos estudantes e fortalecendo sua conexão com seu entorno natural e cultural. Ademais, buscar uma aproximação de ideias pode ser útil para uma construção identitária para educar em paisagem que desperte a significação, o senso crítico e o pertencimento autênticos em relação à paisagem brasileira. Pode ser um caminho contribuinte aos métodos pedagógicos contemporâneos, o que não significa substituí-los, mas, talvez, buscar a mescla entre aspectos de pedagogias, aproveitando o que há de melhor em cada uma para que contribuam com uma construção de Educação Eco Social identitária brasileira.

O quadro 3 oferece uma abordagem prática de ensino que combina os princípios do construtivismo e da transformação pela educação e infere quanto a algumas conexões com as teorias educacionais de John Dewey e Paulo Freire que devem ser incorporadas na paisagem com base em práticas educacionais.

Quadro 3 – Estratégias de atividades e a integração por meio de práticas educacionais que dialogam com Dewey e Freire na exploração da Educação em Paisagem.

Estratégias e atividades	Ações	Relação com Dewey	Relação com Freire
Experiências de campo	Visitas a ambientes naturais e culturais para exploração da paisagem. Início de discussões a partir das observações.	Ênfase na aprendizagem através da experiência.	Valorização da experiência como base do aprendizado.

Investigação científica	Estímulo à pesquisa independente sobre a paisagem. Construção ativa do conhecimento por meio da investigação.	Apoio à investigação e construção ativa do saber.	Incentivo à construção coletiva do conhecimento.
Diálogo e debate	Implementação do diálogo como método de construção coletiva do saber. Debates para troca de perspectivas e ideias.	Valorização do diálogo como construção de conhecimento.	Enfoque no diálogo como método de construção coletiva do saber.
Trabalho em grupo e colaboração	Atividades colaborativas que incentivam a troca de ideias e a construção conjunta do conhecimento.	Enfoque na colaboração e construção conjunta do saber.	Incentivo à educação coletiva como método de construção do conhecimento.
Síntese e aplicação	Aplicação prática do conhecimento adquirido em projetos na paisagem.	Ênfase na aplicação prática do conhecimento.	Enfoque na prática e na avaliação crítica.
Conexão com a realidade local	Relacionamento dos conteúdos com a realidade da paisagem. Abordagem dos estudantes contextualizada e significativa.	Proposta da relação do ensino à realidade local.	Valorização da contextualização e significado local.
Métodos de avaliação	Portfólios e relatórios (reflexão crítica), participação ativa (contribuição individual/coletiva), apresentações/debates (comunicação/argumentação), projetos aplicados à paisagem e expressão artística (representação da paisagem).	Incentivo à reflexão crítica e participação ativa na avaliação.	Valorização da participação ativa, comunicação e prática aplicada na avaliação.
Considerações éticas e sociais	Os princípios incluem ética e responsabilidade social (respeito à diversidade e inclusão), sustentabilidade (responsabilidade ambiental e preservação) e ética na pesquisa (abordagem ética de questões sensíveis da paisagem e práticas éticas na pesquisa e intervenção).	Enfoque na ética e consciência social.	Ênfase na ética, inclusividade, e consciência social.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao integrar os seus princípios teóricos no quadro educativo, os professores podem ter a oportunidade de criar um ambiente de aprendizagem no qual os estudantes participam ativamente na compreensão dos conceitos da paisagem, aprimorando suas capacidades de pensamento crítico e assumindo um papel ativo quanto ao ensino e

aprendizagem. Além disso, esta estratégia pedagógica também pode abraçar os princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire, o que implica promover um ambiente estudantil envolvido no debate, expressão de ideias e análise crítica quanto às perspectivas sobre a paisagem, a sua preservação e a sua sustentabilidade.

21

A proposta traz um enfoque na experiência educacional ativa e na consciência crítica dos estudantes em relação à paisagem, considerando seus aspectos naturais e suas dimensões sociais, culturais e históricas. Além disso, estratégias ativas são apresentadas para aderir aos princípios do construtivismo e do pensamento crítico, com o objetivo de promover um ambiente de aprendizagem envolvente em que os estudantes dialogam, colaboram com os seus pares e aplicam os seus conhecimentos de forma prática. As avaliações são elaboradas com a intenção de medir a compreensão crítica dos alunos e avaliar a eficácia das implicações do aprendizado. Além disso, as considerações éticas e sociais são perfeitamente integradas no currículo para cultivar uma abordagem responsável e inclusiva à Educação em Paisagem.

4 Considerações finais

A Educação em Paisagem, fundamentada no construtivismo crítico e transformador, apresenta-se como uma proposta promissora, mas exige maior aprofundamento em suas implicações práticas e reflexivas, especialmente no contexto de uma educação de caráter identitário brasileiro. Embora destaque a participação ativa dos estudantes, promovendo a percepção, a observação e a interpretação como caminhos para a construção do conhecimento, a abordagem parece ainda carecer de maior articulação prática para consolidar sua aplicação educacional efetiva nos distintos níveis de ensino. A ideia de formar indivíduos reflexivos e engajados criticamente com o ambiente em que vivem é potente, mas sua concretização depende de estratégias mais bem delineadas e do preparo do professorado, que seja capaz de valorizar o ensino das especificidades culturais, históricas e ambientais que compõem a identidade brasileira.

Inspirada nas ideias de John Dewey e Paulo Freire, a proposta combina a aprendizagem prática à perspectiva emancipadora, ressaltando o diálogo, a conscientização e a mudança social como pilares para uma educação significativa. No entanto, a relação entre esses pensadores e a prática educativa carece de exemplos que demonstrem, de forma mais clara, a conexão direta entre teoria e prática. O conceito de "Espiral Construtivista", de Lima (2016), é mencionado como estrutura central à aprendizagem, mas faltam evidências concretas que validem sua eficácia em contextos educacionais diversos, especialmente aqueles que demandam um enfoque identitário brasileiro, capaz de explorar as relações entre o alunado e a riqueza das paisagens culturais e naturais do país.

A Educação em Paisagem deve ser compreendida como uma abordagem que não apenas conecta estudantes a seus territórios, mas também promove o reconhecimento das múltiplas identidades que compõem a sociedade brasileira. A valorização do patrimônio cultural e natural, bem como a conexão dos estudantes com suas realidades locais, é enfatizada como ponto central. Contudo, a articulação com demandas globais de sustentabilidade e resiliência poderia ser explorada de forma mais aprofundada, destacando como essa educação pode contribuir para uma cidadania ambiental ativa, alinhada às especificidades históricas e culturais do Brasil.

Embora não seja pretendido encerrar o debate sobre Educação em Paisagem, sua proposta de integrar elementos das pedagogias construtivista e transformadora pode ser mais robusta e alinhada às práticas educativas contemporâneas. A formação de cidadãos críticos e engajados depende de uma abordagem que vá além da reflexão teórica, exigindo exemplos práticos e um planejamento que conecte mais diretamente os conceitos apresentados às demandas e desafios do ambiente educacional brasileiro. Ao adotar um caráter identitário, a Educação em Paisagem tem o potencial de fortalecer a noção de pertencimento e a responsabilidade coletiva, essenciais à construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Referências

Rev. Pemo, Fortaleza, v. 7, e14389, 2025
DOI: <https://doi.org/10.47149/pemo.v7.e14389>
<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo>
ISSN: 2675-519X



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

BETZ, Joseph. John Dewey and Paulo Freire. **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, v. 28, n. 1, p. 107–126, 1992.

BOWERS, Chet A. Silences and double binds: Why the theories of John Dewey and Paulo Freire cannot contribute to revitalizing the commons. **Capitalism Nature Socialism**, v. 17, n. 3, p. 71–87, 2006.

BROWN, Matthew J. John Dewey's logic of science. **HOPOS: The Journal of the International Society for the History of Philosophy of Science**, v. 2, n. 2, p. 258–306, 2012.

CABRAL, Clara Bertrand. **Património cultural imaterial: convenção da Unesco e seus contextos**. Leya: Lisboa, 2018.

CRESPO, José Manuel. **La educación en paisaje en el Grado de Maestro de Educación Primaria**. Universidad Complutense de Madrid, 2017.

CRESPO, José Manuel. Paisaje, un concepto geográfico para la educación ecosocial. *Con-ciencia social*: **Segunda Época**, n. 4, p. 59–72, 2021.

CECCON, Sheila. **A educação ambiental em diálogo com os princípios de Paulo Freire**. Instituto Paulo Freire: IX Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, São Paulo, 2014.

CRESPO, José Manuel; MARTÍNEZ-HERNÁNDEZ, Carlos; MATEO GIRONA, María Rosa; RODRÍGUEZ DE CASTRO, Ayar. Landscape Education Two Decades after the European Landscape Convention - A Study with Trainee Teachers. **Education Sciences**, v. 13, n. 12, p. 1188, 2023.

DE LA VEGA, Alfonso García. El paisaje: un desafío curricular y didáctico. **Didácticas específicas**, n. 4, p. 7–26, 2018.

DEWEY, John. **Human nature and conduct: an introduction to social psychology**. Warren Press, São Paulo, 2015.

DURAKOGLU, Abdullah; BICER, Baykal; ZABUN, Beyhan. Paulo Freire's alternative education model. **The Anthropologist**, v. 16, n. 3, p. 523–530, 2013.

FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, Rubén. La enseñanza del paisaje desde una concepción constructivista: propuesta didáctica. **DeDiCa. Revista de Educação e Humanidades**, n. 15, p. 135-159, 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez, 1979.

FREIRE, Paulo. **The politics of education: culture, power, and liberation.** Greenwood Publishing Group, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 31° ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, São Paulo, 2006.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã educação pela cidadania.** Editora Cortez, São Paulo, 2000.

GÜNDOĞDU, Hakan. Eleştirel düşünme ve eleştirel düşünme öğretimine dair bazı yarılgılar. **Celal Bayar Üniversitesi Sosyal Bilimler Dergisi**, v. 7, n. 1, p. 57–74, 2009.

HODSON, Derek. Time for action: Science education for an alternative future. **International journal of science education**, v. 25, n. 6, p. 645–670, 2003.

HODSON, Derek. **Looking to the future.** Springer Science & Business Media, 2011.

JOLDERSMA, Clarence W. The tension between justice and freedom in Paulo Freire's epistemology. **The Journal of Educational Thought (JET)/Revue de la Pensée Educative**, p. 129–148, 2001.

LICERAS RUIZ, Ángel. **El Paisaje: ciencia cultura y sentimiento.** 1a ed. Granada. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-1087.htm>

LIMA, Valéria Vernaschi. Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, p. 421–434, 2016.

MARTÍNEZ-MEDINA, Ramón; ÁVILA-MARÍN, Covadonga. La noción del paisaje en el alumnado de Educación Primaria: un análisis de su representación. **Documents d'anàlisi geogràfica**, v. 67, n. 1, p. 133–151, 2021.

MAYO, Peter. **Gramsci, Freire ve yetişkin eğitimi.** Çev: Ahmet Duman. Ankara: Ütopya Yayınevi, 2011.

MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-posições**, v. 25, p. 45–62, 2014.

MISIASZEK, Greg William. **Educating the global environmental citizen**: Understanding ecopedagogy in local and global contexts. Routledge, 2017.

MISIASZEK, Greg William; TORRES, Carlos Alberto. **Ecopedagogy**: The missing chapter of Pedagogy of the Oppressed. The Wiley handbook of Paulo Freire, p. 463–488, John Wiley & Sons, Nova Jersey, 2019.

MISIASZEK, Gregory William. **Ecopedagogy in the age of globalization**: Educators' perspectives of environmental education programs in the Americas which incorporate social justice models. University of California: Los Angeles, 2011.

MURARO, Darcísio Natal. John Dewey e Paulo Freire: educação e transformação social. **Revista Lusófona de Educação**, v. 58, n. 58, 2022.

MURARO, Darcísio Natal. Democracia, liberdade e educação: Paulo Freire leitor de J. Dewey. **Cognitio-Estudos**: revista eletrônica de filosofia, v. 9, n. 2, p. 205–226, 2012.

ⁱ **Erico Fernando Lopes Pereira-Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6976-192X>

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Educação

Biólogo e Pedagogo. Mestre em Ecologia e Doutor em Biologia Vegetal, com Pós-doutorados em Ecologia de Ecossistemas. Sua linha de pesquisa se concentra em Ecologia de Paisagem, Educação em Paisagem e Valores Culturais da Natureza.

Contribuição de autoria: Elaboração, revisão a aprovação do manuscrito.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6800273852924167>

E-mail: ericops@usp.br

ⁱⁱ **José Manuel Crespo Castellanos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9779-8706>

Universidade Complutense de Madri, Centro de Formação de Professorado e Universidade a Distância de Madri.

Geógrafo e Doutor em Educação. Suas linhas de pesquisa tratam da Didática da Geografia e da aplicação didática das Tecnologias de Informação Geográfica e a Didática da Paisagem.

Contribuição de autoria: Elaboração, revisão a aprovação do manuscrito.

E-mail: josemanuelcrespo@edu.ucm.es

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista ad hoc: Marcilio de Souza Vieira, Carla Teresa da Costa Pedrosa e Aline Andréia Nicolli.

Recebido em 1 de novembro de 2024.

Aceito em 07 de janeiro de 2025.

Publicado em 06 de março de 2025.

Como citar este artigo (ABNT):

PEREIRA-SILVA, Erico Fernando Lopes.; CRESPO, José Manuel. O construtivismo crítico e transformador para uma Educação em Paisagem. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e14389, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14389>